

## Capítulo 18 – Event Horizon: Cheesy Supernova

Dias após a revelação: 43

O branco cirúrgico da luz do estúdio era impiedoso como uma manhã nublada. Lucas sentia o calor das lâmpadas na nuca, um sol artificial que não aquecia, apenas expunha. Ele mexia a massa na panela com um ritmo que não era seu, um movimento automático, externo. As mãos pareciam pertencer a outra pessoa, um cozinheiro de aluguel no palco de sua própria consciência. Lucas gostava de cozinhar, mas aquilo era definitivamente outra coisa. Ele começou a descrever o processo.

*“Today we’re having four cheese pasta. It sounds innocent, like some cute little comfort dish. But nah. This dish is an absolute cheese loaded slap to the face. It’s pasta absolutely drowning in a molten pool of four fucking cheeses. That’s right. Four. Because on or two cheeses wasn’t apparently enough for cheese loving carb loving asses like yours. You’ve got a blend of creamy asses’ cheeses, usually parmesan, mozzarella, fontina, parmigiano reggiano, or whatever fancy ass melty cheese within arm’s reach.”*

Ele ouviu a si mesmo dizer, a voz ressoando em um inglês que soava estrangeiro em sua própria boca. Por que inglês? Não havia lógica. Não havia necessidade. Assim como não havia necessidade para a quantidade absurda de queijo que ele despejava na panela. Os queijos se desfaziam em um amálgama obsceno, um creme denso e dourado que borbulhava com a indecência de um desejo proibido. Era uma pornografia laticínia, uma orgia de texturas transmitida ao vivo. A câmera aproximou-se, voyeurística, capturando cada fio de queijo que se esticava e se rompia.

*“They all come together like some unholy dairy alliance to create a sauce so rich and gooey it’ll make you say: what the actual fucking shit is this delicious monstrosity? The pasta, it doesn’t matter what shape it is --- penne, rigatoni, bucatini --- it’s just there to soak up that cheesy creamy bullshit like a sponge on a hot tub of flavor.”*

A imagem era grotescamente calórica. Ao erguer o olhar da panela, e o mundo colapsou.

À sua frente, atrás de uma bancada metálica e fria, estavam os três. Seus juízes. Seu júri e seu carrasco. Pedro à esquerda, com o sorriso de quem já sabia o veredito e se deliciava com o

processo. Hernán à direita, o rosto uma máscara de civilidade, mas os olhos carregando o peso de uma dívida impagável.

E no centro, ela.

Ane.

Ela o encarava, não com ódio, nem com amor. Apenas com aquela intensidade quântica que ele conhecia tão bem, a superposição de todos os sentimentos e da ausência total deles. Seu olhar era uma caixa fechada. O vestido, um branco neve, contrastando com a pele escura.

Lucas continuava a execução da sua receita.

*“Every single bite feels like your mouth is being hugged by a warm melty cheesy drowned middle finger to your diet. And when it’s baked --- oh hell yes, the top gets crispy and golden, while the insides stay gooey as fuck.”*

*“It looks... rich,”* disse Pedro, a palavra escorrendo com um duplo sentido venenoso. *“Almost too rich. As if trying to compensate for something.”*

Hernán, sempre mais pragmático, ajustou os óculos. *“La presentación es audaz. Pero el sabor... el sabor es lo que importa. A veces, mucha salsa esconde una pasta de mala. Está lejos de la calidad que busco.”*

Lucas não respondeu. Apenas continuou a mexer aquela massa vulgar, o som da colher contra a panela ecoando no silêncio do estúdio. Ele sentia o suor escorrer, mas não era pelo calor das luzes. Lucas terminou o prato, concluindo:

*“It’s like your taste buds are having a full-blown cheese orgy and nobody is stopping. This ain’t just food; this is a creamy, salty, dairy fuelled foodgasm of holy fucking shit.”*

Então, Ane falou. A voz dela cortou o ar como a faca que ele usara para furar a tampa.

*“Eu conheço esse prato,”* ela disse, em português perfeito, quebrando a insanidade anglo-lusófona do sonho. *“Ele sempre coloca queijo demais quando está com medo de ficar sem sabor. Ele tem medo do vazio.”*

A colher parou. O queijo continuou a borbulhar.

*"É um prato de desespero,"* ela concluiu, não para os outros, mas para ele. E então, sorriu. Um sorriso que era ao mesmo tempo uma absolvição e uma sentença. *"Mas eu sempre gostei do desespero dele. É a única coisa que sempre foi... genuína."*

A palavra o atingiu como um soco. Genuína. O som reverberou, distorceu-se, tornou-se um zumbido agudo. O ruído de um sistema em colapso. A turbina do laptop em sobrecarga. A pulsação na sua fístula.

O zumbido ficou mais alto.

Lucas acordou, assustado. O teto, escuro, a direita, a sombra das persianas.

O quarto estava escuro, salvo pela luz azulada da tela do celular abandonado no criado-mudo. O cheiro era de nada, como sempre. Ele estava encharcado de suor, o coração martelando contra as costelas como se quisesse fugir. O lençol estava embolado em suas pernas, uma prisão de tecido.

Ele se sentou na cama, a respiração irregular. Olhou para o lado, o corpo escuro respirava profundo. "Ane?" e encostou lentamente sua mão no braço da mulher. A pele era negra, a falta de luz combinava, e ele ameaçou abraçá-la por um microssegundo. Fazia tempo. Então, ele encostou no seu cabelo.

Mas algo estava errado. Ane não tinha aquele cabelo liso.

Era Daniela.

Por alguns segundos, o coração bateu. Não sabia onde estava, nem por quê. Foram necessários alguns momentos para agarrar-se no presente e ao multiverso ao qual pertencia. Uma veia pulsou forte na têmpora, e fechou a boca para segurar o vômito.

Ele se sentia entrando no evento de horizonte entre a realidade e a ficção, girando num vórtice escuro, com um breve pânico expandindo como uma supernova.

Não sabia se era sonho, buraco negro, livro ou saudade. A partir dali, a densidade da ficção era infinita, e não oferecia ponto de retorno. Lucas sentiu escorregar, com a força da

gravidade que chupava toda a sanidade e luz do seu universo. Num ato reflexo, fechou os olhos, e apertou a colcha com as mãos, como se agarrasse na borda da realidade para não ser sugado pelo vácuo.

Ele se lembrou. Daniela havia dormido com ele, após o jantar.

Ele abriu os olhos novamente, o zumbido na cabeça ecoando mais baixo. A porta entreaberta do quarto mostrava o escritório, com a tampa do laptop fechado. Ele olhou para Daniela, e percebeu que tinha uma escolha. Ele poderia vomitar mais um capítulo. Ou, Daniela gostava que ele a acordasse para transar de madrugada.

A gata bengal saltou para a cama, silenciosa como uma sombra. Aproximou-se e roçou a cabeça em sua mão, oferecendo um ponto de contato sólido naquela realidade superposta. O pelo macio e calma que só um predador tem ajudou a reconduzir os batimentos de Lucas, retirando da trajetória do evento de horizonte. Segundos depois, ele havia pousada na sua cama. A pressão intracraniana normalizado.

"Era só um sonho", ele murmurou para a gata, ou talvez para si mesmo. Olhou para a direita, e Daniela dormia pesada, incólume, alheia àquele terror noturno.

Ele se sentou, e respirou fundo. Refletiu como a linha entre o sonho e o código, entre a memória e a máquina, era apenas uma ficção que ele se contava para sobreviver à noite.

Ele pisou com os dois pés no piso de madeira frio. Eram quatro e meia da manhã, e em breve hora de ir para a diálise.

Lucas calçou os chinelos, deu alguns passos, e abriu a tampa do laptop. Uma luz forte iluminou seus olhos, que estranharam e desviaram. Ele clicou no único documento no desktop. "paixão.docx".

A vida não se impressionava com as tragédias privadas. Logo, certos pesadelos eram bons demais para serem esquecidos.